Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v37i144.203
ESTUDOS BÍBLICOS

Deus ouviu a voz do jovem:

estudo exegético de Gn 21,8-21

God heard the voice of the young man: exegetical study of Gen 21:8-21

Elcio Valmiro Sales de Mendonça*

* Doutor em Ciências da Religião e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Pesquisador de Pós-Doutorado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor na Graduação em Arqueologia e na Graduação em Teologia da Universidade Metropolitana de Santos, Santos, Brasil.
elcio.mendonca@hotmail.com.br

Recebido em: 13/10/2021
Aprovado em: 06/11/2021

Licença *Creative Commons* CC BY 4.0

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar exegeticamente o texto de Gn 21,8-21. O foco dessa pesquisa é estudar o contexto da narrativa em torno de Ismael e Hagar e a ação de Sara e Abraão em expulsar ambos para a morte no deserto. Para isso, será utilizado o método Histórico-Crítico, mais especificamente, a Crítica da Forma para a análise exegética em conjunto com a narratologia de Daniel Marguerat. Como resultado, percebeu-se que o texto mostra como Javé olhou para Ismael e Hagar, mesmo diante da ação de Abraão e Sara em enviar os dois para morrerem no deserto. É marcante o verbo "ouvir", porque, segundo a narrativa, Deus ouviu o choro do menino.

Palavras-chave: Exegese. Histórico-Crítico. Crítica da Forma. Ismael. Hagar.

Abstract

This article aims to analyze exegetically the text of Gen 21:8-21. The focus of this research is to study the context of the narrative around Ishmael and Hagar and the action of Sarah and Abraham in expelling them to death in the desert. For this, I used the Historical-Critical method, more specifically, the Form Criticism for the exegetical analysis together with narratology of Daniel Marguerat. As a result, it was realized that the text shows how Yahweh looked at Ishmael and Hagar, even in the face of Abraham and Sarah's action in sending the two to die in the desert. The verb "to hear" is striking, because, according to the narrative, God heard the child's cry.

Keywords: Exegesis; Historical-Critical; Form Criticism; Ismael; Hagar.

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

1 Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar exegeticamente o texto de Gn 21.8-21. O foco dessa pesquisa é estudar o contexto da narrativa em torno de Ismael e Hagar e a ação de

Sara e Abraão em expulsar ambos para a morte no deserto. O método exegético utilizado nesse artigo é a Crítica da Forma, uma das partes integrantes do conhecido Método Histórico-Crítico. Aqui procuro expor de forma didática, seguindo a sequência normalmente utilizada, os passos da análise exegética do referido método, os quais são: tradução, delimitação, estrutura, coesão, gênero literário, lugar (lugar vivencial), data e análise do conteúdo, conforme apresentados na coleção *The Forms of the Old Testament Literature* (FOTL), mais especificamente, na obra *Genesis with an Introduction to Narrative Literature* de Coats (1983).

Além do método da Crítica da Forma, são utilizados aqui, junto com o método exegético e em caráter experimental, alguns conceitos da narratologia com base na obra de Marguerat e Bourquin (2009). Embora os métodos da narratologia tenham sido utilizados, em sua maior parte, em textos medievais e modernos, nesse artigo eu os aplico à narrativa bíblica com o objetivo de compreender as tramas do texto, a partir da tradução do texto bíblico para a língua portuguesa, em todos os seus aspectos redacionais e na forma como ele foi estabelecido e canonizado.

Após as análises exegética e narratológica, o artigo apresenta como a traição de Abraão, Hagar e Ismael foi recepcionada por povos árabes e, em especial, no Alcorão, o texto sagrado do Islamismo. Nesse tópico é possível perceber como as tradições ligadas à Ismael e Hagar se perpetuaram entre as tribos do deserto, trazendo sempre a memória de Ismael como o filho primogênito de Abraão, que apesar do fato de ter sido enviado por Abraão para a morte no deserto, ele se tornou o patriarca de doze tribos árabes. Vejamos agora, cada uma das partes principais do método da Crítica da Forma.

2 Tradução do Texto Massorético: Gn 21,8-21

8 E cresceu o menino e foi desmamado;
e fez Abraão [um] grande banquete, em dia de ser desmamado Isaque.
9 E viu Sara, [o] filho de Hagar, a egípcia, a que deu à luz para Abraão, o que se divertia.
10 E disse para Abraão: "Expulsa esta escrava e [o] filho dela;
pois, não herdará o filho [d]esta escrava com meu filho, com Isaque".
11 Foi muito ruim a palavra [aos] olhos de Abraão; por causa do filho dele.
12 E disse *'ĕlohîm* para Abraão:
"Não será ruim [aos] teus olhos sobre o jovem e sobre tua escrava,
tudo [o] que disse para ti Sara, ouve [a] voz dela;
pois, em Isaque será chamada para ti semente.
13 E, também, [o] filho da escrava, para nação o estabelecerei;
pois, tua semente ele [é]".
14 E madrugou Abraão no romper do dia,
e tomou [um] pão e [um] odre de água e deu para Hagar,
o que coloca sobre o ombro dela e o menino, e mandou embora;
e [ela] andou e vagueou [no] deserto de Beersheva.
15 E acabaram as águas do odre;
e lançou ao chão o menino, debaixo de um dos arbustos.
16 E andou e se assentou para ela do outro lado, distante como um tiro de arco,
pois disse: "Não verei [a] morte do menino";
e [ela] se assentou do outro lado, e ergueu [a] voz dela, e chorou.

17 E ouviu *'ĕlohîm* a voz do jovem;
e chamou [o] mensageiro de *'ĕlohîm* para Hagar desde os céus,
e disse para ela: "O que [há] para ti, Hagar?
Não temas, pois ouviu *'ĕlohîm* [a] voz do jovem onde ele ali [está].
18 Erga, levanta o jovem, e agarra [a] tua mão nele;
pois para não grande [Eu] o estabelecerei".
19 E abriu *'ĕlohîm* [os] olhos dela, e ela viu [um] poço de água;
e andou, e encheu o odre de água, e deu de beber [a]o jovem.
20 E aconteceu *'ĕlohîm* o jovem, e [ele] cresceu;
e se habitou no deserto, e aconteceu o que flecha flecheiro.
21 E habitou no deserto de Parã;
e tomou para ele, mãe dele, [uma] mulher da terra do Egito.

3 Delimitação do texto

Não existe consenso na delimitação dessa perícope. Um exemplo disso são as diferentes propostas de estudiosos que se propuseram a analisar e delimitar esse texto. Vemos o caso de Coats (1983, p. 152), por exemplo, que afirma que essa perícope se inicia em Gn 21,1 indo até o v. 21, inserindo os versículos iniciais do capítulo (1–7) que narram o nascimento de Isaque, isto fica claro na maneira como ele estrutura a perícope (sobre isto, trataremos no próximo tópico). No entanto, Claus Westermann (1985, p. 330-333) separa Gn 21,1-7 (nascimento de Isaque) de Gn 21,8-21 (história de Ismael). Para ele, os vv. 1-7 são parte da história de Abraão, uma continuação do capítulo anterior (Gn 20) e, portanto, não os inclui na perícope dos vv. 8-21. Wandermurem (1997, p. 69-70), em sua dissertação sobre Gn 21,1-21, concorda com a posição de Coats, afirmando que os vv. 1-21 possuem características que podem defini-los como uma perícope, mesmo que em sua estrutura ela faça separação entre estas partes do texto (Gn 21,1-7 e 8-21).

Schwantes (2009), von Rad (1988), Kidner (1981), assim como Westermann (1985), concordam em afirmar que Gn 21,1-21, na verdade, possui uma divisão clara que pode indicar a existência de perícopes distintas sendo a primeira nos vv. 1-7 e a segunda nos vv. 8-21. Porém, segundo Schwantes (2009, p. 284, 285), os versículos (21,1-7) possuem características especiais que não indicariam exatamente uma perícope, já que não pertencem nem ao texto de Gn 20 nem ao de Gn 21,8-21. Assim, Gn 21,1-7, seria, de fato, um texto informativo iniciado por uma frase nominal seguida de um verbo no prefeito, isto, conforme Niccacci (1990, p. 48), indica um texto informativo, um sumário segundo Marguerat e Bourquin (2009). Também as traduções em português tanto de João Ferreira de Almeida (RA) quanto a Bíblia de Jerusalém (BJ), concordam em separar os vv. 1-7 dos vv. 8-21.

Nessa exegese sigo a delimitação proposta por Schwantes, von Rad e Westermann, pois parecem mais plausíveis, do ponto de vista da teoria e sintaxe da narrativa hebraica, embora o Texto Massorético indique a delimitação da perícope como 21.1-21, já que o texto se inicia na mudança de capítulo e termina com a letra *pê* (*parashah* ou *petuhah*, parágrafo, porção de leitura, capítulo ou perícope) (FRANCISCO, 2008, p. 178-179). Os Massoretas não levaram em conta a mudança de tema entre as duas partes. Assim, fica claro que a perícope não se inicia no início do capítulo (Gn 21,1) mas a partir do v. 8, uma vez que, Gn 21,1-7 não possui ligação direta com a narrativa de Gn 21,8-21, sendo esta uma porção independente.

4 Estrutura do texto

Assim como a delimitação deste texto, sua estrutura também não tem consenso entre os exegetas e teólogos. Resumirei aqui a estruturação da perícope proposta por alguns estudiosos trabalhados nesse artigo. Coats (1983, p. 152) propõe uma estrutura bastante detalhada e um pouco complexa, ele divide a perícope basicamente em cinco partes: I. Cumprimento geral da anunciação (v. 1). II. Relato do nascimento (vv. 2-7). III. Crise (vv. 8-13). IV. Desfecho (vv. 14-19). V. Conclusão (vv. 20-21).

Von Rad (1988, p. 285-287), estudioso do Antigo Testamento, propõe outra estrutura sem nomear cada parte, ele apenas apresenta os versículos de cada da estrutura de análise da perícope: vv. 8-11, vv. 12-13, vv. 14-16 e vv.17-21. Schwantes apresenta ainda outra estrutura, diferente da proposta pelos demais autores apresentados aqui:

v.8: Exposição
vv. 9-10.14a: Cena do conflito
vv. 11-13: Autorização para Abraão
vv. 14b-18: Cenário central
vv. 19-21: Conclusão

A estrutura de Schwantes me pareceu mais interessante, também a estrutura proposta por Coats me chamou bastante a atenção. Eu preferi seguir a estrutura de Schwantes mais de perto, distanciando-me um pouco de Coats e, desta forma, proponho uma estrutura para a perícope baseado também na teoria da narrativa de Marguerat e Bourquin (2009, p. 55-74) A estrutura que proponho para a perícope de Gn 21.8-21 é a seguinte:

I. v. 8 - Abertura da perícope
II. vv. 9-10 - A crise, a cena do conflito
III. vv.11-13 - *'ĕlohîm* autoriza a ação violenta de Abraão
IV. v.14 - Abraão executa a ação imposta por sara e autorizada por *'ĕlohîm*
V. vv. 15-16 - E a crise continua... as ações de Hagar no deserto de Beersheva
VI. vv. 17-19 - Ação transformadora: Ações de *'ĕlohîm* e do seu mensageiro
VII. vv. 20-21 - Desenlace e situação final (conclusão da perícope)

5 Coesão do texto

O texto possui boa coesão e pode-se afirmar isso com certa segurança tendo por base a análise nos temas e semânticas que perpassam toda a perícope. Quase todos os versículos são iniciados por verbos imperfeitos com *waw* consecutivo, que é uma indicação de texto narrativo, com exceção do v. 13 (iniciado por conjunção) e do v. 18 (iniciado por verbo imperativo).

O texto possui início, meio e fim (situação inicial, nó, desenlace, ação transformadora e situação final). O termo *maṣrît* (egípcia), gentílico feminino de *miṣrāîm* (Egito), ocorre respectivamente nos versos 9 e 21, início e final da perícope. Também o vocábulo *yeled* (menino), ocorre oito vezes, no início e no meio da perícope (vv. 8,14,15,16); a palavra *na'ar* (jovem), ocorre seis vezes, mais para o final do texto nos vv. 12,17,18 e 19.

O vocábulo *'āmāh* (escrava) ocorre três vezes no v. 10 e v. 13. Também o substantivo *'ĕlohîm* (Deus/deuses) ocorre seis vezes, basicamente na segunda metade da perícope

(vv. 12,17,19,20). O nome de Javé não aparece neste texto. Outro termo importante é *zera'* (semente), referindo-se tanto a Isaque quanto a Ismael, aparece duas vezes (vv. 12.13).

Os nomes próprios, Isaque (*yiṣḥāq*) ocorre duas vezes (vv. 8.10), Hagar (*hāgār*) ocorre quatro vezes (vv. 9.14.17), Sara (*śārāh*) duas vezes (vv. 9.12), Abraão (*'aḇrāhām*), seis vezes (vv. 8.9.10.11.14). O nome de Ismael não ocorre nenhuma vez nesta perícope, o nome Ismael é substituído pela expressão *bēn- hāgār*, filho de Hagar (v. 9), *bēn-hā'āmāh*, filho da escrava (vv. 10.13), *hanna'ar*, o jovem, seis vezes (v. 12.17.18.19.20) e *hayyeled*, o menino (vv. 14.15.16). O vocábulo *midbār* deserto, ocorre três vezes na nossa perícope (vv. 14.20.21), bem como os nomes dos desertos de Beersheva (v. 14) e Paran (v. 21).

O verbo "ouviu", é um verbo importante nesta perícope, pois está diretamente ligado ao desfecho da história. Este verbo ocorre duas vezes (v. 12 e 17). O verbo "ouviu", está na composição do nome "Ismael", "ouviu *'el*", "Deus ouviu". O nome Ismael não ocorre nenhuma vez nesta perícope. Também o temos a ocorrência do verbo "e viu" ocorre no v. 9 com Sara e no v. 19 com Hagar.

Dessa forma, pode-se perceber que existe uma coesão na perícope, através dos termos e assuntos que perpassam todo o texto de Gn 21,8-21, indicando que é uma perícope completa e independente, mesmo eu faça parte de um contexto maior que é a saga de Abraão. É uma perícope que tem sentido completo e coeso, tem início e final e está bem delimitada.

6 Gênero literário

O texto é uma narrativa que faz parte da saga de Abraão. No hebraico, esse gênero literário se confirma através da grande ocorrência de *wayyiqtol* (imperfeito com *waw* consecutivo) durante todo o texto. No total são trinta e seis verbos *wayyiqtol* em toda a perícope. As frases são curtas e diretas, não há muita fala direta. Segundo Schwantes (2009, p. 183-184), as falas diretas tendem a expressar diversidades de ideias e argumentos, o que acontece normalmente em discursos. Não é o caso desta perícope, que é uma narrativa. As narrativas permitem diversificar gestos e ações.

Quanto às ocorrências dos imperfeitos com *waw* consecutivo, temos versículos com grande número de ocorrências, como é o caso do v. 14, onde ocorrem seis *wayyiqtol*.

> 14 E *madrugou* Abraão no romper do dia,
> e *tomou* [um] pão e [um] odre de água
> e *deu* para Hagar, o que coloca sobre o ombro dela e o menino,
> e *mandou* embora;
> e *andou*
> e *vagueou* [no] deserto de Beersheva.

Conforme Niccacci (1990, p. 47-72), quando as frases são iniciadas com verbo, elas querem enfatizar a ação do sujeito, não exatamente o sujeito e suas características; diferente das frases nominais que são iniciadas por outras classes de palavras, como substantivos, interjeições etc. Quando as frases são iniciadas por palavras que não são verbos, tais frases querem enfatizar as características do sujeito, não suas ações.

Quanto ao gênero literário, não há grandes dificuldades em defini-lo. Há consenso entre exegetas e teólogos, como: Arana (2003) e Coats (1983), por exemplo, que afirmam que Gn 21,8-21 é uma narrativa escrita num hebraico bem desenvolvido.

7 Lugar e data

Os textos de Gênesis são complicados para se estabelecer uma datação. De acordo com Schwantes, este texto deve ser datado em torno do ano 800 AEC (séc. IX AEC). Wandermurem segue Schwantes ao colocar a redação do texto entre os sécs. IX e VIII AEC. Outros nem se atrevem em indicar sequer uma possibilidade de datação. A justificativa de Schwantes para estabelecer esta data é, principalmente, a questão de disputa familiar e clânica. Segundo ele,

> A questão em disputa é familiar e clânica. E mesmo o conceito de Deus não vem de modo algum institucionalizado. Quem resolve são as pessoas envolvidas no caso: Agar e Ismael tomam novas direções na vida, distantes de Sara, a que vê problemas em uma demasiada proximidade entre os dois meninos. Estamos, pois, em práticas sociais visivelmente clânicas. Falta o estado, mas até não há nem presença de tribos ou outras instituições sociais mais amplas. As pessoas envolvidas é que têm que achar uma solução para que seus caminhos se tornem viáveis, suas vidas seguras (SCHWANTES, 2009, p. 184).

O texto parece ser uma tradição antiga, que reflete tensões familiares e clânicas, como disse Schwantes, porém, não é claro que num período mais antigo houvesse disputas acirradas pela herança e posse da terra. Isto me parece mais uma questão pós-exílica, em que havia a preocupação na ocupação da terra de Judá e da região do Negueb. As disputas entre os povos da Transjordânia que passaram a ocupar o território durante o longo período de exílio israelita e, mais ainda, disputas de grupos sacerdotais pelo controle político e religioso de Jerusalém. O texto está, portanto, no período de domínio persa, entre os séculos V e VI AEC.

8 Análise do conteúdo

8.1 Abertura da perícope (v. 8)

Este v. 8 é uma introdução para os assuntos que serão tratados na perícope. É a abertura da perícope. É formado por quatro frases pequenas. A frase que abre o v. 8 se inicia com um verbo no imperfeito *wayyigddal* (e cresceu), no caso o menino Isaque. Todas as três frases verbais que seguem estão subordinadas a esta primeira: "E foi desmamado", "e fez Abraão [um] grande banquete" e "em dia de ser desmamado". O menino então cresceu e chegou o momento da desmama. Para von Rad (1988, p. 285), a desmama era uma ocasião celebrada com uma grande festa. É possível que Isaque tivesse três anos nessa ocasião, conforme os textos de 1Sm 1,23 e 2Mac 7,27. Depois desta introdução, que é nossa situação inicial da narrativa, vamos para o próximo parágrafo.

8.2 A crise, a cena do conflito (vv. 9-10)

Este parágrafo é formado por dois versículos (vv. 9 e 10). Estes versículos são coesos, trabalham as ações de Sara em "ver" *r'h* (v. 9) e "dizer" *'mr* (v. 10). Eles são formados por cinco frases verbais. No verso 9 temos duas frases, a segunda é subordinada à primeira,

e no verso 10, temos três frases. A primeira indicando uma fala de Sara para Abraão. A segunda e a terceira estão ligadas pela interjeição *kî* indicando que a terceira é a explicação para a segunda frase.

Aqui temos o nó da nossa narrativa, Sara viu o filho da Hagar, a egípcia. Aqui temos a decisão do destino de Hagar e Ismael. Sara, a matriarca, parece ter voz forte diante de Abraão e da família, ela tem o poder de decidir as coisas. Ismael é apresentado de forma depreciativa, "o filho de Hagar, a egípcia", daquela "que deu à luz para Abraão", o filho da estrangeira, da mulher que carrega no próprio nome sua posição social: *gēr* significa estrangeiro. Hagar *hāgār*, portanto, poderia ter origem em *gēr*, assim, o seu nome traria o sentido de: "a estrangeira" (*hā-gār*), juntamente com Ismael, o seu filho (HOLLADAY, 2010). Isto se contrapõe a Gn 16,2 quando Sara diz para Abraão: "talvez por ela eu venha a ter filhos". Num texto Sara defende, noutro condena.

Mas o que Sara vê? O Texto Massorético não mostra explicitamente com quem Ismael está "se divertindo" ou "rindo", embora o contexto geral da perícope indique isso. Na versão da Septuaginta, que diz que Ismael "se divertia com Isaque seu filho". Sara vê, portanto, conforme a segunda frase, Ismael se divertindo com Isaque, aqui aparece o verbo *ṣḥq* ("rir, brincar, divertir-se"). Isto pareceu aos olhos de Sara, uma intimidade muito grande entre os dois meninos. De acordo com Kirst (2004, p. 205), o verbo *ṣḥq* quando antecedido pelo *'ēt* pode significar "acariciar", um termo carregado de sentido sexual.

Na tradução do Pentateuco da obra *Torá: a Lei de Moisés*, temos um comentário baseado no comentário de Rabi Rashi sobre a tradução e o significado do vocábulo *ṣḥq* (rir, brincar, divertir-se):

> Rashi comenta que a expressão Metsachec aparece nas Escrituras algumas vezes significando idolatria (Êxodo 32.6), adultério (Êxodo 39.17) ou assassinato (2Samuel 2.14). Desde cedo Ismael deu mostras de que seu comportamento não era aquele que se esperava do filho de Abrahão. Sara temia que a convivência com Ismael prejudicasse a educação de seu filho Isaac, o herdeiro espiritual de Abrahão (RASHI *apud* TORÁ, 2001, p. 52).

Neste texto, este significado é pouco possível. Sara vê o menino brincando com Isaque, e isto a incomoda. Na primeira frase do v. 10, Sara diz algo para Abraão. Não é um diálogo, mas uma ordem. O verbo que aparece na segunda frase do v. 10, está no imperativo: *gārēš* "expulsa". Este verbo está no tronco verbal *piel*, que demonstra intensidade na ação do sujeito. Neste caso, o ato de expulsar, no *piel*, denota uma ação praticada com violência. Sara estava realmente muito nervosa e irada, e deve ter gritado estas palavras com Abraão. Abraão deveria, então, expulsar Hagar e o menino, o qual Sara nem sequer pronuncia o nome.

Na terceira frase vemos então o motivo de toda essa ira: a herança, a terra: "não herdará o filho [d]esta escrava com meu filho, com Isaque". Sara estava com receio de que essa amizade entre Ismael e Isaque, pudesse prejudicar na herança da descendência de Isaque. A questão da terra está presente. A herança sempre está ligada à terra, como, por exemplo, na história do livro dos Reis, quando Nabote disse para Acabe que não poderia vender "sua herdade", "sua herança", "sua terra" (1Rs 21).

A questão da terra coloca a redação deste texto no período pós-exílico, apesar de que esta história possa ser realmente antiga, uma tradição dos antepassados, transmitida oralmente por gerações, que agora se torna um texto editado. Um texto escrito com um propósito aparente, legitimar a primogenitura de Isaque, e desta forma, legitimar a posse

da terra pelos judeus (descendentes dos retornados do exílio babilônico), terra agora ocupada por estrangeiros.

8.3 *'ĕlohîm* autoriza a ação violenta de Abraão (vv. 11-13)

Neste parágrafo temos três versículos. São oito frases, todas verbais, exceto a sétima, que é uma frase nominal. Aqui está algo surpreendente, *'ĕlohîm* dá sua autorização para que Abraão realize seu ato violento, "expulsar Hagar e seu filho", legitimando a ordem de Sara. Abraão, o patriarca, não tem voz ativa nesta narrativa, ele apenas recebe a ordem de Sara, a matriarca, e a obedece. Sente-se desgostoso por se sentir obrigado a expulsar Hagar e seu filho Ismael, como se vê no v. 11, que diz que a palavra de Sara foi muito ruim aos olhos de Abraão.

No v. 12 temos cinco frases. O versículo inicia com uma indicação de fala, mas não é Abraão quem fala, é *'ĕlohîm*. As outras quatro frases do v. 12 são a fala de *'ĕlohîm*, que segue falando nas duas frases do v. 13.

Temos nestes dois versículos (vv. 12 e 13) a solução apresentada por *'ĕlohîm*, tanto para Isaque quanto para Ismael, ele estabeleceria uma nação, pois, ambos são semente de Abraão. Mesmo na boca de *'ĕlohîm*, assim como na de Sara, o nome de Ismael não é pronunciado, é como uma tentativa de desqualificar Ismael. Há um conflito neste texto, parece haver dois grupos brigando. Um grupo defendendo a herança de Ismael juntamente com Isaque, e outro, condenando-a. Pois, é possível ver no texto que, no mesmo tempo em que repudia Ismael e o condena à morte no deserto, junto com sua mãe, Hagar, ele acaba também fortalecendo a filiação de Ismael a Abraão, bem como sua parte na herança, embora fique mais evidente que somente Isaque deveria ser o verdadeiro herdeiro (BRANCHER, 1995). A história de Ismael, segundo Brenner (2000, p. 285-287), é a inversão da história de Isaque.

Segundo Schwantes (2009, p. 188), estes vv. 11-13 são um adendo posterior à história. Portanto, os vv. 11-13 – apesar deste seu método histórico-salvífico, para mim um tanto estranho – reencontram um significativo equilíbrio, em termos teológicos: Isaque é afirmado, mas o espaço de Ismael não é negado. Do ponto de vista de Sara, esta similaridade salvífica entre Ismael e Isaque estava a perigo. Nosso adendo posterior, dos vv. 11-13, tende a superar a unilateralidade anti-Ismael da posição de Sara e da prática de Abraão, nestes primeiros versículos (vv. 8.9-14a). Porém, alcançam seu objetivo pela programada eliminação de Ismael. Eis a questão!

8.4 Abraão executa a ação imposta por Sara e autorizada por *'ĕlohim* (v.14)

Este parágrafo possui um único versículo. Este versículo é formado por seis frases, todas verbais. Este v.14 poderia fazer parte da sequência seguinte, mas preferi deixá-lo à parte devido às ações de Abraão mediante as palavras de *'ĕlohîm*, porque *ele* não manda Abraão fazer nada disso, mas Abraão toma essa iniciativa. Ele se levanta ainda de madrugada, prepara uma provisão de alimento e água e coloca nas costas de Hagar e lhe entrega também Ismael.

Aqui temos uma nota do aparato crítico, dando a ideia de que Abraão coloca Ismael nas costas de Hagar. Que segue na direção do deserto de Beersheva. O verbo *wayəšalləḥehā* "mandou embora", é um *piel*, assim como o verbo *gārēš* "expulsa" do

início do v.10. Aqui temos uma intensidade na ação. A cena é forte. Abraão está mandando embora Hagar e seu filho, Ismael, seu primeiro filho. O verbo *wayəšalləḥehā* "e mandou embora", também pode ser traduzido como, "e enxotou".

É Hagar quem anda pelo deserto, não Ismael, isto pode indicar que o Aparato Crítico da Biblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) está certo ao inverter a ordem no texto, pois a nota dá a ideia de que Hagar estava carregando o menino nas costas. Aqui também aparece o verbo *wattēta'* "e vagueou" ou "e andou errante". Este verbo indica que Hagar estava perdida em pleno deserto de Beersheva, extremo sul de Judá.

Aqui começa o "desnascimento" de Ismael, em contraposição ao nascimento de Isaque (BRENNER, 2000, p. 289). O deserto de Beersheva, neste caso, significa a sentença de morte para mãe e filho. Ninguém poderia sobreviver com um pouco de comida e um odre de água numa jornada pelo deserto.

8.5 E a crise continua... as ações de Hagar no deserto de Beersheva (vv. 15-16)

Chegamos ao quinto parágrafo da nossa perícope. A crise continua. Hagar está em pleno deserto com seu filho, filho de Abraão, Ismael. Temos aqui sete frases nestes dois versículos, todas são frases verbais.

Em pleno deserto, depois de andar perdida, vagueando, o suprimento de água acaba. Não fala que acabou o alimento. Parece óbvio que num deserto a água acabe primeiro, já que a necessidade de hidratação do corpo é intensa. O menino estava desfalecendo. Aqui cabe o paralelo do nascimento de Isaque e o "desnascimento" de Ismael. Não é Hagar quem desfalece, mas o menino, o jovem. Hagar, então, coloca o menino embaixo de um arbusto e se afasta. Segundo Schwantes,

> Para a mãe Agar, o que interessa é estar sentada na distância adequada: a fim de não estar 'no âmbito' de morte do menino, de não poder nem ouvi-lo em suas dores de morte e nem de vê-lo. Debaixo do arbusto e à distância do tiro de flecha é à distância da morte. – Enfim, aí "se senta". Grita ("ergue a voz") e chora. Agar começa 'andando' (v.14b) e termina suas ações no desespero de gritos e 'choro'; no começo da cena, carrega seu filho, no final só lhe restam lágrimas. A curva da vida lhe é descendente (SCHWANTES, 2009, p. 189).

A crise que é o nó da narrativa chega a seu ápice. O menino está morrendo embaixo de um arbusto no meio do deserto. Sem que ninguém o pudesse socorrer. Sem perspectiva de solução, Hagar se senta, grita e chora, sem que 'ninguém' a pudesse ouvir.

No Aparato Crítico da *BHS*, diz que a frase *wattiśśā' 'et-qolāh wattēḇəḵ* [ela] ergueu [a] voz dela, e chorou) deve ser lida provavelmente como *wattiśśā' 'et-qoloh wattēḇəḵ* [ele] ergueu [a] voz dele, e chorou), referindo-se a Ismael, não a Hagar. Desta forma, não foi Hagar quem levantou sua voz e chorou, mas Ismael quem o fez.

O drama se intensifica, pois é o jovem quem grita de desespero e dor. Também é quem chora o choro da desesperança. Num deserto não há pessoas que ouçam as aflições do outro, não há socorro. Não havia ninguém ali que pudesse ouvir a voz, o grito e o choro de Hagar e do menino. Estavam sozinhos no deserto.

8.6 Ação transformadora: Ações de *'ĕlohîm* e do seu mensageiro (vv. 17-19)

Este é o sexto parágrafo da nossa narrativa. Ela é intensa. Chocante. Intrigante. Prende a nossa atenção. Queremos ver logo o desfecho desta história. Este parágrafo é formado por três versículos, divididos em 10 frases, umas longas outras curtas, outras ainda com uma única palavra, um verbo, uma ação.

Chegamos na ação transformadora da perícope, é o encontro de *'ĕlohîm* com Hagar e Ismael. Em meio ao desespero e diante da presença da morte, vem o socorro. Ismael aqui não era exatamente uma criança, mas um adolescente.

O parágrafo inicia dizendo que *'ĕlohîm* ouviu a voz do jovem. Daí, entendemos o significado no nome Ismael ("ouviu *'el*", ou "Deus ouviu"). De fato Deus ouviu a voz do menino. Na segunda frase, diz que foi "o mensageiro de *'ĕlohîm*" (*mal'aḵ 'ĕlohîm*) quem chamou Hagar desde os céus. A ideia de "Deus nos céus" é tipicamente pós-exílica, o que também reforça a hipótese da redação neste período.

O mensageiro de *'ĕlohîm* pergunta para Hagar, *o que [há] para ti, Hagar?* Ou, numa tradução melhorada: *o que há contigo, Hagar?* – O mensageiro continua sua fala dizendo: "não temas". O negativo "não", nesse caso, é enfático. O socorro chegou, não precisa mais temer o mau, *'ĕlohîm* ouviu a voz do jovem, ali, embaixo do arbusto, onde ele estava.

No v. 18 temos a finalização da fala do mensageiro em duas frases. A primeira iniciada por um verbo imperativo "erga", ou poderíamos traduzir "erga-te", deduzindo o pronome no verbo.

Para Brenner (2000, p. 290), é no deserto que Hagar começa a viver sua 'liberdade'. Seu deserto se transformou em libertação. "Sendo expulsa, Agar, na verdade, ganha sua liberdade e sua independência" (BRENNER, 2000, p. 290). Ainda estamos no processo, o mensageiro de *'ĕlohîm* ordena para Hagar que levante o jovem e o agarre em sua mão. O verbo "agarrar" é um *hifil*, causativo. Ainda na fala do mensageiro de *'ĕlohîm*, temos uma explicação para os imperativos, era porque *'ĕlohîm* iria fazer de Ismael uma grande nação. O próprio *' ĕlohim* o iria estabelecer assim.

Segundo Aminuddim Muhamad (1989, p. 28), Hagar estava entre Safa e Marwa, que ficam dentro dos limites de Meca, e que um poço de água surgiu milagrosamente sob os calcanhares de Ismael.

> Depois de os deixar lá, quando começou-lhes faltar água, Agar começou a correr entre SAFA e MARWA, duas rochas, a procura de água ou então para ver se havia algum viajante a passar por perto. Depois de correr sete vezes sem êxito voltou para ir ver o filho que estava a chorar e a chutar a terra com os seus calcanhares como é hábito dos bebês quando são deixados de costas. Nesse momento de desespero e morte certa, milagrosamente uma fonte apareceu debaixo dos pés de Ismail, e esse poço, foi e é conhecido por ZAMZAM. Até hoje existe esse poço e milhões de pessoas bebem dele e nunca se acaba (MUHAMAD, 1989, p. 28).

No v. 19 vem a provisão de *'ĕlohîm*. Ele abriu os olhos de Hagar para que ela enxergasse o poço de água. Então temos três ações de Hagar. Ela "andou", "encheu o odre de água" e "deu de beber para o jovem". São frases de pura ação, frases curtas e fortes.

O ato salvífico de *'ĕlohîm* se deu de forma concreta, na concretude da vida de Ismael e Hagar. Em meio ao deserto, sem ninguém por perto. Mas *'ĕlohîm* está por perto. Ele ouve a voz. É o *'ĕlohîm* do Êxodo, que ouve o clamor do seu povo (Ex 3,7), do suprimento

de alimento e água durante a caminhada pelo deserto. Ele não despreza. Ele supre. Ismael e Hagar estavam a salvo. A vida estava garantida. Abraão e Sara somem por instantes da memória da narrativa, também Isaque não aparece mais. É só *'ĕlohîm*, Hagar e Ismael. *'ĕlohîm* ouviu a voz do jovem, a voz que ninguém mais tinha ouvido. Ele, *'ĕlohîm*, quis ouvir a voz do jovem.

8.7 Desenlace e situação final (conclusão) (vv. 20-21)

Estes versículos concluem a narrativa da perícope. São dois versículos divididos em cinco frases verbais. No v. 20 temos duas vezes o verbo *wayəhî* "e aconteceu". Esta forma verbal é típica de narrativas, ela normalmente inicia uma nova etapa na narrativa e às vezes inicia perícopes. "E aconteceu *'ĕlohîm* o jovem", na "vida" do jovem. A Septuaginta traduz como "e Deus estava com o menino", no dando a ideia de que Deus estava na companhia do dele, junto a ele.

E o jovem cresceu (v. 20). O verbo *wayyigddāl* "e cresceu" é o mesmo verbo que iniciou a perícope referindo-se a Isaque, mas agora, no final da perícope, nós o vemos referindo-se a Ismael. A história que começa com Isaque, com um grande banquete por ocasião de sua desmama, termina com Ismael, com seu destaque, como aquele que se assenta no deserto. Este parece um texto de um grupo favorável a Ismael. Isaque some da cena. Aparece somente na primeira parte da perícope e no centro do nó narrativo. Ismael toma a cena com seu restabelecimento e seu crescimento. A segunda frase do v.20 diz que Ismael habitou no deserto. O deserto se tornou sua casa. O verbo *yšb* (sentar, habitar) também pode ter a conotação de "o que se assenta" trazendo figura de alguém que governa, que rege. Teria, então, Ismael governado no deserto? Na terceira frase traz a expressão "flecha flecheiro". Teria ele se tornado um guerreiro, um caçador?

No livro não canônico chamado Livro dos Jubileus, há uma transcrição desta perícope em Jubileus 17.1-14. E a respeito deste final, o Livro dos Jubileus 17.13,14 transcreve desta forma: "O menino cresceu e se tornou arqueiro, e o Senhor estava com ele. Sua mãe lhe tomou por esposa uma jovem do Egito, que lhe deu à luz um filho, o qual chamou de Nabayot, pois disse: 'O Senhor estava ao meu redor quando o invoquei'" (DIEZ MACHO, 1983, p. 123, 124).

A Peshitta (2006, p. 22-23) nos dá a seguinte versão (Gn 21,20.21): "20 E Deus estava com ele, com o jovem, o qual cresceu e viveu no deserto de Paran, aprendendo a manejar o arco no deserto de Paran. 21 Logo sua mãe tomou da terra do Egito uma mulher para ele'".

No v. 21 retoma o verbo *yšb* (sentar, habitar) dizendo que ele habitou, se assentou ou montou assentamento no deserto de Parã. Esta localidade deve ser ao sudeste do Mar Morto, possivelmente região da atual Arábia. Para os teólogos e exegetas islâmicos Parã se refere à cidade de Meca, a cidade sagrada para o Islam (ABDALAT, 1989, p. 162).

O Alcorão (EL HAYEK, 2020, p. 50, 51) recepcionou e contou a história de Abraão (Ibraim) e Ismael (Ismail) em várias *suras* (capítulos). Na *Sura* 2.124-130 diz que foram Abraão e Ismael que construíram a Caaba, o santuário sagrado para o Islam na cidade de Meca. Vejamos a transcrição desta *sura*:

> 2.124 E quando seu Senhor pôs à prova Abraão, com certos mandamentos, que ele observou, disse-lhes: Designar-te-ei Imam dos homens, (Abraão) perguntou: E também o serão os meus descendentes? Respondeu-lhe: Minha promessa não alcançará os injustos.

> 2.125 Lembrai-vos que estabelecemos a Casa, para congresso e local de segurança para a humanidade; e adotai a Estância de Abraão por oratório. E estipulamos um pacto com Abraão e Ismael, dizendo-lhes: Purificai a Minha Casa, para os circundantes (da Caaba), os retraídos, os que se inclinam e se prostram.
> 2.126 E quando Abraão implorou: Ó Senhor meu, faze com que esta cidade seja de paz, e agracia com frutos os seus habitantes que creem em Allah e no Dia do Juízo Final! Allah respondeu: Quanto aos incrédulos dar-lhes-ei um desfrutar transitório e depois os condenarei ao tormento infernal. Que triste destino!
> 2.127 E quando Abraão e Ismael levantaram os alicerces da Casa, exclamaram: Ó Senhor nosso, aceita-a de nós pois Tu és Oniouvinte, Sapientíssimo.
> 2.128 Ó Senhor nosso, permite que nos submetamos a Ti e que surja, da nossa descendência, uma nação submissa à tua vontade. Ensina-nos os nossos ritos e absolve-nos, pois Tu és o Remissório, o Misericordiosíssimo.
> 2.129 Ó Senhor nosso, faze surgir, dentre eles, um Mensageiro, que lhes transmita as Tuas leis e lhes ensine o Livro, e a sabedoria, e os purifique, pois tu és o Poderoso, o Prudentíssimo.
> 2.130 E quem rejeita o credo de Abraão, a não ser o insensato? Já o escolhemos (Abraão), neste mundo e, no outro, contar-se-á entre os virtuosos.

Essas citações do Alcorão nos ajudam a compreender como o mundo árabe recepcionou essas histórias e podem indicar resquícios de tradições antigas relacionadas a Ismael. Além disso, as narrativas de Ismael e Isaque mostram diferentes tradições que, talvez, não sejam tão antigas, mas do período babilônico do século VI e período persa do século V AEC.

Por fim, a perícope de Gn 21,8-21 encerra a narrativa informando ao leitor que Hagar, a egípcia, tomou uma esposa para Ismael vinda terra do Egito. É interessante como ela se torna uma matriarca, "sem marido", abandonada cruelmente por Abraão, uma matriarca do deserto do leste. Ela não quis tomar uma das mulheres do povo hebreu para ser esposa de seu filho, ela mesma decidiu tomar uma egípcia, da mesma terra de onde ela veio.

9 Considerações Finais

Esse texto é emblemático porque legitima a violência contra Ismael e Hagar, levando-os para a morte no deserto. Foi importante perceber a existência de dois grupos brigando pela legitimidade da "herança de Abraão", a legitimidade como povo escolhido por Javé. Isso mostra como esse texto reflete uma realidade pós-exílio da babilônia, talvez, disputas sacerdotais ou de grupos que buscavam legitimação pela posse de territórios ou de domínio político e religioso.

A análise da narrativa auxilia a pesquisa exegética na compreensão das tramas da narrativa e na identificação de redatores e camadas redacionais, bem como na pesquisa sobre as camadas redacionais e da construção e estabelecimento final do texto. Os documentos, por si mesmos, não representam exatamente a realidade do momento histórico, mas a visão dos que prevaleceram, dos vencedores. Por esse motivo, é necessário sempre uma análise crítica dos documentos, dos quais a Bíblia se inclui, para entendermos as opressões e os indícios textuais intencionais ou não com relação aos grupos contrários.

Concluirei esta pesquisa com as palavras do historiador judeu Flavio Josefo (1956, p. 99), que ao comentar esta perícope recontou a história omitindo e incluindo detalhes. Ele disse quando Ismael chegou à idade de se casar, Agar deu-lhe por esposa uma mulher egípcia, porque ela também havia nascido no Egito. Ele teve doze filhos, Nabet, Cedar, Abdel, Edumas, Massam, Memas, Masmes, Codam, Teman, Getur, Nafés e Calmas, os quais ocuparam toda a região que está entre o Eufrates e o Mar Vermelho e a chamaram Nebateia. Os árabes originaram-se deles e seus descendentes conservaram o nome de nabateenses por causa do seu valor e do fama de Abraão.

Referências

ABDALAT, Hammudah. *O Islam em foco*. São Bernardo do Campo: Centro de Divulgação do Islam para América Latina, 1989.

ARANA, Andrés Ibáñez. *Para compreender o livro do Gênesis*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BÍBLIA Sagrada com Concordância. ed. revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblia do Brasil, 2008.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.

BRANCHER, Mercedes. *Dos olhos de Agar aos olhos de Deus:* Gênesis 16.1-16. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo São Bernardo do Campo, 1995.

BRENNER, Athalya. *Gênesis:* a partir de uma leitura de gênero. São Paulo: Paulinas, 2000.

COATS, George W. *Genesis with an introduction to narrative literature*. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983. v. 1.

DIEZ MACHO, Alejandro. *Apocrifos del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1983. v. 2.

EL HAYEK, Samir (Org.). *O significado dos versículos do Alcorão Sagrado*. Federação das Associações Islâmicas do Brasil, 2020.

FRANCISCO, Edson F. *Manual da Bíblia Hebraica:* introdução ao Texto Massorético. Guia Introdutório para a Biblia Hebraica Stuttgartensia. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HOLLADAY, William. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. São Paulo: Editora das Américas, 1956. v. 1.

KIDNER, Derek. *Gênesis:* introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1981.

KIRST, Nelson *et al. Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português.* 18. ed. São Leopoldo: Sinodal; Vozes: Petrópolis, 2004.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Ivan. *para ler as narrativas bíblicas:* iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009.

MUHAMAD, Aminuddim. *Muhammad:* o Mensageiro de Deus. São Bernardo do Campo: Centro de Divulgação do Islam para América Latina, 1989.

NICACCI, Alviero. *The syntax of the verb in classical Hebrew prose*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990.

RAD, Gerhard von. *El libro de Genesis*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1988.

SCHWANTES, Milton. *Deus Vê, Deus Ouve!* Gênesis 12-25. São Leopoldo: Oikos, 2009.

TORÁ: a Lei de Moisés. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.

WANDERMUREM, Marli. *Riso, Gracejo e Herança:* espaços de conflito em Gênesis 21.1-21. 1997. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1997.

WESTERMAN, Claus. *Gênesis 12–25:* a commentary. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1985.